

Pobreza, natureza e desenvolvimento: visões da América Latina nas páginas do *The New York Times* (1952-1961)

João Gilberto Neves Saraiva

Universidade Federal Fluminense
Niterói - Rio de Janeiro – Brasil
jgilbertons@gmail.com

Resumo: Este artigo trata das visões da América Latina enquanto espaço subdesenvolvido, demarcado pela pobreza e domínio da natureza, publicadas em matérias do jornal *The New York Times*. Analisa como a região foi construída em artigos, reportagens e editoriais como um lugar a ser transformado pelo conhecimento científico, tecnologia e capital dos Estados Unidos. Depois do fim da Segunda Guerra Mundial, a publicação atravessou um período de profundas transformações no seu quadro de funcionários e fazer jornalístico. Nessa conjuntura, Sam Pope Brewer e Tad Szulc foram contratados nos anos 1950 para viajar pela América Latina e atualizar a cobertura que o diário realizava da região. A pesquisa tem como fontes centrais as matérias assinadas por esses dois jornalistas entre 1952 e 1961, recorte temporal em que atuaram como correspondentes na América Latina. Ela examina como seus escritos construíram visões específicas da região a partir de debates correntes no pós-Guerra como o da modernização, do combate ao comunismo, da política externa dos Estados Unidos e do imaginário estadunidense sobre a América Latina.

Palavras-chave: América Latina. Desenvolvimento. The New York Times.

Por que vocês sempre precisam de ajuda? Vocês já não têm muitos recursos? Em poucas palavras, o problema econômico latino-americano ainda é o do homem faminto com uma mina de ouro debaixo de seus pés. É a história de um continente incapaz de desenvolver seus imensos recursos naturais rápido o suficiente para cuidar de populações em expansão¹ (NYT, 21 fev. 1960, p. 11).

A visão de um faminto sobre uma mina de ouro é uma metáfora de Tad Szulc, correspondente do *The New York Times* (NYT) na América Latina, para explicar o quadro econômico e social dos países abaixo da fronteira do Texas no início de 1960. Nesse momento o presidente Dwight D. Eisenhower iniciava uma viagem por diversos países do continente e em um artigo estruturado em perguntas e respostas, o jornalista se propôs a explicar para o público do diário o que estava ocorrendo na região latino-americana nos

¹ Todas as traduções são do autor. Segue em nota de rodapé os trechos originais em inglês. "Why do you always need help? Haven't you got rich resources? In a nutshell, the Latin-American economic problem is still that of the starving man with a gold mine under his feet. It is the story of a continent unable to develop its immense natural resources fast enough to take care of expanding populations".

últimos anos e o papel dos Estados Unidos nessa conjuntura. O texto de Szulc passeia por questões como política internacional e regional, questões sociais, revoluções, ajuda técnica, empréstimos, temas que permeavam as matérias enviadas das mais variadas localidades há pelo menos oito anos.

Entre os começos de 1952 e 1961, ele e seu antecessor — Sam Pope Brewer — circularam por diversos países da região produzindo reportagens, artigos, resenhas de livros e relatos de viagem². A avaliação do correspondente era que os estadunidenses tinham um papel a desempenhar para que os latino-americanos não chegassem à via revolucionária e se aproximassem da União Soviética — como havia ocorrido em Cuba no ano anterior. Cabia “uma ajuda substancial dos Estados Unidos com políticas econômicas, fundos, equipamentos e conhecimento”³ (*NYT*, 21 fev. 1960, p. 13) para o desenvolvimento da América Latina. Esta pesquisa analisa uma geografia imaginativa da região formulada nas matérias sobre desenvolvimento escritas pelos correspondentes do *The New York Times* — Sam Pope Brewer e Tad Szulc. Analisa as representações da América Latina enquanto espaço demarcado pela pobreza e domínio da natureza, um lugar a ser transformado pelo conhecimento científico, tecnologia e capital estadunidense.

O presente exame das visões da América Latina nas páginas do *NYT* se aproxima do estudo crítico da geografia imaginativa do Oriente proposta por Edward Said (2007, p. 94). O crítico literário utiliza essa designação para se referir ao conjunto de ideias, motivos e temas recorrentes nas representações com as quais os europeus e estadunidenses formulavam e formulam esse recorte fora de suas fronteiras familiares. Ele evidencia que, para além de simples adornos, a geografia imaginativa é um conjunto de lentes por meio do qual o outro é percebido, vivenciado e mobilizado. Sendo assim, quando inquirimos uma geografia imaginativa da América Latina, estamos pensando-a como mais que um simples traçado sobre o mapa. Como pontua Walter Mignolo (2007, p. 22), ela não é um dado natural, e sim uma construção geopolítica que possui uma extensa história trespassada por diferenças coloniais, étnicas, linguísticas e sociais⁴. Nosso objetivo é investigar como a América Latina era construída nas páginas do *The New York Times* a partir das discussões sobre o que Aníbal Quijano (2005, p. 24) identifica como um dos “fantasmas” que povoam o

² Este trabalho é um dos resultados iniciais da pesquisa de Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense sobre as visões do Brasil formuladas no *The New York Times* e as mudanças da política externa dos Estados Unidos para a América Latina entre 1952 e 1961. As matérias de Sam Pope Brewer e Tad Szulc, que o sucedeu em meados de 1955, são as fontes centrais dela.

³ “[...] substantial United States help in economic policies, funds, equipment and know-how”.

⁴ Esse é o argumento central da investigação de Mignolo sobre a construção histórica da ideia de América Latina. Ele se aproxima das reflexões de Aníbal Quijano e Immanuel Wallerstein (1992) em texto clássico no qual a América é entendida como uma entidade geo-social construída a partir do século XVI, e que sua criação é marco fundador do moderno sistema-mundo no qual vivemos.

imaginário latino-americano desde a Segunda Guerra Mundial: o desenvolvimento⁵. Nossa perspectiva é analisar essa América Latina subdesenvolvida delineada nas páginas do diário nova-iorquino que se nutre do imaginário estadunidense sobre a região e o atualiza.

Na virada para a década de 1950 se deu a consolidação da geração de jornalistas do *The New York Times* que ganhou notoriedade na cobertura da Segunda Guerra Mundial. O maior diário do país iniciou então um período de intensas mudanças, acompanhando a transformação do campo jornalístico norte-americano. Gay Talese (2000, p. 215) explica essa conjuntura a partir da leitura do editor que assumiu o posto de diretor de redação do *NYT* no final de 1951, Tuner Catledge. A avaliação dele — e de muitos outros jornalistas dos anos 1950 — era de que o diário precisaria então ter uma cobertura interessada em interpretar mais os fatos. Ao mesmo tempo, deveria publicar notícias menos extensas e mais significativas, já que a publicidade ocupava cada vez mais colunas nas edições. Também havia uma preocupação com a formação profissional, a qualidade e objetividade das matérias⁶.

Nessa perspectiva, nos primeiros dias de 1952 o diretor Catledge alterou o modo de atuação dos jornalistas do diário na América Latina e trouxe novos correspondentes, Sam Pope Brewer e Tad Szulc, afinados com a nova forma de se fazer jornalismo⁷. Era necessário agora realizar uma cobertura renovada, mais ampla e intensa do que a que o antigo correspondente, Frank Garcia, vinha fazendo nos últimos vinte anos a partir do Rio de Janeiro⁸. Isso significou enviar matérias para quase todas as edições do diário e viajar por diversos países.

Alicerçados nesse novo modelo de cobertura jornalística, Sam Pope Brewer e Tad Szulc atravessaram a maior parte dos territórios ao sul do Rio Grande — apenas o México não fez parte dos seus roteiros porque possuía correspondente próprio — escrevendo sobre os mais variados temas: acordos militares, comidas típicas, reformas econômicas, inaugurações, congressos médicos, encontros políticos, praias paradisíacas, etc. Suas matérias construíram visões múltiplas sobre a América Latina, de espaço-chave para a defesa do continente à lugar de paisagens exóticas, passando por terra do futebol. Dentre essas representações, uma abordada reiteradamente pelos correspondentes foi a da pobreza.

⁵ Segundo o sociólogo peruano os outros fantasmas seriam a identidade, modernidade, democracia e unidade. Para uma história da América Latina é válido consultar as obras de Mignolo, Quijano, Wallerstein e Quijano citadas anteriormente.

⁶ Para um aprofundamento sobre as transformações da imprensa norte-americana nessa década, consultar David Davies (2006).

⁷ Em síntese: eram jornalistas de formação com experiências educacionais e profissionais fora dos Estados Unidos, membros da nova geração de jornalistas que ganharam projeção com a guerra, e aproximados do paradigma do jornalismo interpretativo. Uma concepção que se preocupa em tornar o mundo legível ao público dos jornais. Uma resposta do campo ao conteúdo raso, partidarismos, falta de variedade de opiniões, sensacionalismo e, como o nome já diz, a falta de interpretação nas matérias. Para uma biografia de Szulc e Brewer contextualizada nas transformações do jornalismo estadunidense nos anos 1950, consultar Saraiva (2015a).

⁸ As matérias escritas por Frank Garcia para o *NYT* e seus impactos na Política de Boa Vizinhança (1933-1945) foram analisadas por Saraiva (2015b).

Seja em suas viagens pelas grandes capitais ou pelos rincões mais afastados, os jornalistas itinerantes do *The New York Times* apresentaram ao público estadunidense uma preocupante pobreza na América Latina. Sobre uma visita aos índios Kaiapó na Amazônia, Tad Szulc escreveu: “Este é um local solitário, esquecido do Brasil, que não foi tocado pelo impulso do progresso e da civilização. [...] Sua sorte [a dos índios] é a miséria, a doença e confusão total”⁹ (*NYT*, 14 set. 1958, p. 33).

A imagem da pobreza não evocava por si só nenhuma novidade para os leitores da virada para os anos 1960. Ricardo Salvatore (2006, p. 162) sublinha que desde o século XIX os jornais e viajantes estadunidenses já tratavam — mesmo que de forma marginal — de temas como pobreza, analfabetismo e condições insalubres. Já João Feres Jr. (2005, p. 15), em sua história do conceito *Latin America* nos Estados Unidos, conclui que há pelo menos duzentos anos — seja na linguagem comum ou na acadêmica — este conceito serve para demarcar o espaço do atraso e do incivilizado. Seria a oposição da autoafirmação dos estadunidenses enquanto civilizados e modernos. O que há de diferente no texto de Szulc é que a pobreza e o atraso são agora encarados como problemas, questões a serem resolvidas. Em um artigo especial sobre a economia chilena, o mesmo correspondente apresentou o orçamento de uma família de classe média-baixa sendo tragada pela alta da inflação. No fim dele, uma pergunta:

Quanto tempo pode o Chile continuar assim antes de chegar a ponto de agitação social em ebulição? [...] Os tumultos de Santiago e Valparaíso em abril deste ano, quando cerca de trinta pessoas foram mortas e centenas feridas, foram uma boa amostra do que pode estar à frente se o descontentamento popular for habilmente explorado por grupos políticos interessados, sejam por comunistas ou até mesmo por certas facções de dentro do governo¹⁰ (*NYT*, 13 out. 1957, p. 29).

O pós-Guerra, destaca Arturo Escobar (1995, p. 22), é o momento em que as massas pobres da Ásia, África e América Latina são “redescobertas” no cenário internacional. A miséria passou a ser entendida como um problema chave para ser resolvido por todos países do globo, uma vez que sua existência nos países subdesenvolvidos também afetaria os desenvolvidos — essas designações ganham força, não por acaso, também nesse momento. A atenção destinada à pobreza tem elos estreitos com o acirramento da Guerra Fria ao longo dos anos após o fim da Segunda Guerra. A pergunta e resposta no final do artigo de Szulc estabelecem a conexão direta: pobreza, descontentamento popular e

⁹ “This is a lonely, forgotten spot of Brazil, that has not been touched by the surge toward progress and civilization. [...] Their lot is misery, disease and total bafflement”.

¹⁰ “How long can Chile go on like this before coming to boiling point of social unrest? [...] The Santiago and Valparaíso riots in April of this year, when nearly thirty persons were killed and hundreds injured, were a fair sample of what may lie ahead if popular discontent is adroitly exploited by interested political groups, be the Communists or even certain factions within Government”.

agitação social que pode ser explorada por comunistas. O jornalista estava afinado com a leitura dos responsáveis pela política externa estadunidense nos anos 1950 e 1960 que, como lembra Michael Latham (2000, p. 2), consideravam que regimes instáveis, somados à pobreza e populações insatisfeitas, seriam um campo fértil para revolucionários marxistas. Nesses termos, a América Latina pobre era enunciada pelo *NYT* como um espaço perigoso — por conta da possibilidade e espalhamento do “perigo vermelho” — ainda anos antes da Revolução Cubana, que triunfaria no primeiro dia de 1959.

A geografia imaginativa da América Latina miserável e potencialmente ameaçadora apresentada pelos jornalistas do *The New York Times* se entrelaça na organização geopolítica do globo estabelecida a partir da concepção de desenvolvimento. Um editorial, ao comentar uma matéria de Brewer, sintetizou a região latino-americana como “uma área que se encaixa na descrição de 'subdesenvolvida’”¹¹ (*NYT*, 07 set. 1955, p. 04). Os correspondentes se pautaram em noções como progresso, civilização e desenvolvimento para ler as populações e territórios entre o Golfo do México e a Patagônia.

O sociólogo Edgardo Lander (2000, p. 12) nos lembra que essas são concepções eurocêntricas — ou do Atlântico Norte¹² — que organizam o espaço, tempo e humanidade a partir de sua própria experiência e universalizam seu padrão civilizatório considerando-o superior. São chaves de leitura que pensam o outro a partir dos seus próprios marcos norte-atlânticos, considerados neutros e desejáveis. Nestes termos, a América Latina é definida pelo não alcance desse padrão, ela é considerada como atrasada, incivilizada e subdesenvolvida. Nos termos de Michel-Rolph Trouillot (2011, p. 101), a América Latina, a África e a Ásia ocupam o lugar do outro, do diverso, quando lidas a partir dessas lentes do Atlântico Norte. São encaradas como inseridas no jogo da modernidade, mas de algum modo sempre atrasadas. Do outro lado desses espelhos distorcidos, os Estados Unidos e a Europa Ocidental surgem como lugares da civilização, do desenvolvimento e do progresso.

Uma representação recorrente nas matérias dos correspondentes itinerantes do *NYT* era a da América Latina como um espaço controlado pela natureza. Os jornalistas escreveram sobre as florestas, animais e rios com fascínio: “A selva significa quase todo o imenso, virtualmente incivilizado, norte e noroeste do país”, relatou Tad Szulc em uma matéria enviada da Amazônia brasileira. Na continuação:

Isso significa florestas tropicais que por vezes oferecem o silêncio majestoso de uma catedral feita de verde, em outras a cacofonia de uma gigantesca feira de animais. Significa rios turbulentos cascadeando no sol e tranquilas poças inertes

¹¹ “a area does fit the description of “underdeveloped”.

¹² O termo é utilizado para abarcar os padrões civilizatórios da Europa Ocidental e dos Estados Unidos que se tornaram dominantes no planeta. Para uma discussão da construção desse parâmetro vale a consulta a Walter Mignolo (2005).

onde matéria vegetal apodrece para que ela possa nascer outra vez¹³ (*NYT*, 09 nov. 1958, p. 16).

As palavras do jornalista são de deslumbramento, elas levaram aos leitores de uma das maiores metrópoles do planeta uma natureza em que tudo é superlativo: o domínio espacial, o silêncio, o barulho, o movimento e a quietude. A atitude de admiração e aproximação do mundo natural americano com o caráter divino tem raízes históricas profundas, já estava presente nos textos dos colonizadores do século XVI — conforme Mignolo (2007, p. 21). O pesquisador põe relevo na natureza enquanto uma das categorias europeias que deram forma a ideia de América Latina. Essa identificação é recorrente também nos Estados Unidos, a pesquisa de Frederick Pike (1992, p. XIII) expõe que um dos mitos perpetuados no país para delinear e ao mesmo tempo se opor à América Latina é o de que esta seria o espaço dominado pela natureza. Uma leitura que destina aos Estados Unidos o lugar da civilização e do progresso espiritual e material.

Esta é uma concepção que ele considera herdada da atitude dos colonizadores britânicos com os povos originários da África e América e seus espaços, e que foi transferida para a relação com os latino-americanos. Pike (1992, p. XIV) ressalva que não obrigatoriamente essa oposição entre civilização e natureza significou uma visão negativa da América Latina. Ele cita, por exemplo, a atuação de intelectuais, artistas e ativistas norte-americanos que entre as décadas de 1950 e 1970 posicionaram a região enquanto uma modernidade alternativa para os Estados Unidos, em que se estabelecia uma relação melhor e mais intensa com o mundo natural. Em nossa análise das matérias dos correspondentes do *The New York Times* identificamos posições ambíguas sobre a América Latina encarada como espaço da natureza. Uma delas remete a ideia de oposição a civilização e progresso que demarca as representações estadunidenses. Em uma matéria assinada por Szulc sobre as ações dos Estados Unidos para que o Paraguai se desenvolvesse:

Este pequeno país no coração da América do Sul com a área aproximadamente da Califórnia parece ser tão distante da realidade do mundo moderno quanto o Tibete ou o Nepal. Naquelas terras asiáticas são as montanhas que formam uma barreira ao progresso. Aqui é a floresta, a selva e as imensas e inabitadas áreas planas potencialmente ricas¹⁴ (*NYT*, 7 jan. 1956).

O texto posiciona o Paraguai como um país com uma realidade longínqua do

¹³ "The jungle means almost all of the immense, virtually uncivilized north and northwest of the country. It means rain forests that at times offer the majestic silence of a green-rooted cathedral and at others the cacophony of a gigantic animal fair. It means turbulent rivers cascading in the sun and quiet, stagnant pools where vegetable matter rots so that it can be born anew".

¹⁴ "This little country in the heart of South America with an area approximating California's seem to be as far from the realities of the modern world around it a Tibet or Nepal. In those Asian lands it is the mountains that form a barrier to progress. Here it is the forest and jungle and the immense inhabited flat areas of potentially rich land".

mundo moderno. Enquanto seu marco comparativo de tamanho é o estado da Califórnia, o de distância do desenvolvido são o Nepal e o Tibete. As aproximações utilizadas pelo jornalista reafirmam a oposição atraso-progresso colocando os Estados Unidos no segundo grupo, e os territórios asiáticos e latino-americanos no primeiro. O que faria o Paraguai estar longe da modernidade seriam a paisagem de extensas selvas e planícies sem ocupação humana. A América Latina seria o lugar da natureza e sua presença dominadora um obstáculo para o seu desenvolvimento. Neste sentido, a visão da floresta amazônica com árvores gigantes e animais perigosos é uma das que mais se repete. Um sinônimo de iniciativa modernizadora era justamente a destruição da selva para dar lugar a cidades, fábricas e especialmente estradas.

Por outro lado, a geografia imaginativa da América Latina enquanto espaço controlado pela natureza também a posiciona como uma terra abastada. A matéria sobre o Paraguai vai nessa perspectiva ao pontuar as áreas planas e inabitadas como potencialmente ricas. O artigo especial referenciado no início deste trabalho também explicita imensos recursos naturais do território latino-americano que precisariam ser desenvolvidos. O editorial de 1955 citado anteriormente vai na mesma direção: depois de classificar a América Latina como subdesenvolvida, considera que ela “tem riquezas naturais e aptidões para fornecer um padrão de vida decente para todos seus cidadãos”¹⁵ (*NYT*, 07 set. 1955, p. 04).

Ao longo de todo o recorte temporal, há matérias sobre as flutuações e investimentos na exploração dessas riquezas, especialmente os recursos minerais, como zircônio, petróleo, ferro, cobre e outros. Além disso, há matérias sobre as safras destinadas a exportação, como o café, banana, soja, trigo e cana-de-açúcar. É válido sublinhar que a maior parte desses produtos vegetais e minerais tinham estadunidenses como investidores ou principais compradores no mercado mundial. Não por acaso, as aptidões e recursos minerais que são considerados as riquezas da América Latina nas páginas do *NYT* são em sua maior parte objetos de lucro e especulação nos Estados Unidos¹⁶.

Uma leitura ambígua da natureza na América Latina não era uma exclusividade do *The New York Times* nesse período. A pesquisa histórica de Mary Anne Junqueira sobre as representações da América Latina na revista *Seleções* — versão brasileira da estadunidense *Reader's Digest* — também se deparou com múltiplas visões do mundo natural. Junqueira (2000, p. 115) identifica que a natureza, especialmente a floresta Amazônica, é exaltada por sua exuberância, mas ao mesmo tempo apresentada como entrave para a modernização. Os territórios desocupados também eram entendidos como

¹⁵ “Latin America has natural wealth and skills to provide a decent standard of living for all her citizens”.

¹⁶ Uma pesquisa clássica sobre as relações entre Brasil e Estados Unidos que sublinha esses interesses econômicos no pós-guerra é a de Moniz Bandeira (2007).

impedimentos para que a região latino-americana se desenvolvesse. A pesquisadora identificou diversas matérias sobre as potencialidades da região, especialmente recursos minerais variados que eram necessários a indústria bélica norte-americana.

O diário nova-iorquino e a revista também compactuavam sobre a tecnologia, conhecimento e investimento financeiro como soluções que combinadas possibilitariam a superação dos obstáculos naturais e exploração eficaz das potencialidades latino-americanas. As publicações consideram que o desenvolvimento da América Latina passaria pela resolução dessa equação. O diagnóstico de ambos os veículos de imprensa era que as nações desse recorte espacial olhassem para os Estados Unidos, país apresentado como detentor de saberes técnico-científicos e capital necessário para desenvolver os países do recorte espacial abaixo de suas fronteiras.

O antropólogo Arturo Escobar (1995, p. 36) apontou a década de 1950 como a época de consolidação do discurso do desenvolvimento. No seu bojo está a concepção de que a ciência, a tecnologia e o planejamento eram ferramentas neutras e universalmente aplicáveis. Ainda em 1949, o recém-empossado presidente democrata Harry Truman ressaltou no seu discurso inaugural a importância do capital e tecnologias estadunidenses para resolver os problemas das áreas subdesenvolvidas do globo. Tratando das relações entre ajuda externa e política externa, Jeffrey Taffet (2007, p. 21) identificou como premissa do discurso desenvolvimentista a noção de que um lugar avaliado como atrasado teria seu desenvolvimento acelerado através do contato com uma sociedade considerada desenvolvida. Essa ideia permeia as matérias do *The New York Times* sobre as ações estadunidenses na região relativas a soluções para a pobreza e controle da natureza.

Nesse momento em que os Estados Unidos se consolidam como uma das duas potências globais e de acirramento do conflito bipolar, boa parte da opinião pública norte-americana, considera James Patterson (1996, p. 74), abraçou e criou grandes expectativas sobre o novo papel de intervenção estadunidense em assuntos externos, um viés longe do isolacionismo dominante pouco antes da Segunda Guerra. Os veículos de imprensa — os jornais, as revistas, o rádio e a ascendente televisão — tiveram um papel crucial nessa mudança.

É importante realçar que a América Latina não era uma prioridade no imediato pós-Guerra da política externa estadunidense de promoção do desenvolvimento via aporte tecnológico e financeiro. Se até 1945 os territórios ao sul do Texas receberam atenção especial — uma maior abertura para absorver suas exportações, empréstimos, missões militares e econômicas — depois a situação foi outra e as relações declinaram. Segundo Cristina Pecequillo (2003, p. 217), parecia aos funcionários do governo sediado em

Washington que o novo inimigo, a União Soviética, focava agora suas ações nos continentes europeu e asiático e era necessário deslocar para lá os grandes esforços da política externa. Essas foram as diretrizes em geral dos governos democratas e republicanos nos quinze primeiros anos do pós-Guerra¹⁷. Lars Schoultz (2000, p. 270) ressalta, por exemplo, o descontentamento dos governos latino-americanos com a não inclusão do continente no Plano Marshall¹⁸. A América Latina estava assim fora do grande plano de reconstrução da economia e da infraestrutura dos países envolvidos no conflito global.

Mesmo não estando no foco da política externa dos Estados Unidos, a América Latina foi alvo de variadas ações governamentais de menor impacto. Entre elas estavam parcerias militares e missões técnicas com grupos de especialistas nas mais diversas áreas — da agricultura ao turismo. A cobertura jornalística do *NYT*, como era de se esperar, deu visibilidade as essas iniciativas. A perspectiva delas foi expressa em títulos como: “PARAGUAI COMEÇA A SAIR DO PASSADO: Grupo de Ajuda dos EUA Está Ajudando a Terminar Séculos de Isolamento”¹⁹ (*NYT*, 7 jan. 1956).

A noção de progresso impulsionado pelos Estados Unidos está fortemente atrelada às missões em território latino-americano. Ao longo de todo o recorte temporal estudado, é possível acompanhar a formulação de uma geografia imaginativa da América Latina que caminha para o desenvolvimento com a ajuda estadunidense. Em um artigo assinado por Szulc sobre a modernização do turismo brasileiro temos:

Três especialistas em turismo dos Estados Unidos e três peritos brasileiros começarão uma pesquisa de três meses no Brasil partindo do curso superior do Amazonas e descendo até as cachoeiras do Iguaçu no rio Paraná, no sul do país. O estudo será o resultado de um acordo entre os dois governos. Quando completo, dará, pela primeira vez, ao Brasil uma ideia clara do que realmente são suas possibilidades turísticas e o que deve ser feito sobre elas em termos de hospedagem, transporte e as outras inúmeras que coisas um viajante estrangeiro precisa²⁰ (*NYT*, 31 mar. 1957, p. 149).

A presença dos técnicos atuando em quase todos os países do continente é recorrente no jornal. Os especialistas estadunidenses — junto de seus pares brasileiros — seriam responsáveis pelo primeiro diagnóstico das possibilidades do turismo do Brasil. A ideia subjacente nas notícias sobre esses estudos é que a investigação a partir de procedimentos científicos trazidos dos Estados Unidos proporcionaria uma melhor

¹⁷ O Partido Democrata ocupou a Casa Branca entre 1945 e 1952 com Henry Truman, continuando o mandato de Franklin Roosevelt, morto em 1945 e depois como presidente eleito. Entre 1953 e 1960 o Partido Republicano esteve na presidência nos dois mandatos de Dwight Eisenhower.

¹⁸ O grande plano de ajuda técnica e econômica a Europa, lançado pelo governo democrata de Harry Truman em 1947. O nome faz referência a George Marshall, então secretário de estado norte-americano, um dos principais articuladores das ações do plano.

¹⁹ PARAGUAY BEGINS MOVE OUT OF THE PAST: U.S. Aid Team Is Helping to End Centuries of Isolation.

²⁰ “Three United States tourism specialists and three Brazilian experts will begin a three-month survey of Brazil from the upper reaches of Amazon down to the waterfalls of Iguaçu on Paraná River in the south of the country. The study will be the result of an agreement between the two Governments. When completed will for the first time give Brazil a clear idea of what really are its tourism possibilities and what should be done about them in terms of hostels, transportation and the myriad other things a foreign traveler needs”.

compreensão da realidade latino-americana. O artigo toca em um tema considerado cardeal pela publicação para a modernização da América Latina: os transportes. A falta de estradas de ferro e especialmente de rodagem é explicitada enquanto um dos motivos de isolamento — citado também pela última fonte — das cidades latino-americanos rodeadas de florestas, pântanos e cordilheiras. Nesses termos, construir estradas significava intervir pelo desenvolvimento.

Os acordos bilaterais são apresentados nas matérias dos jornalistas itinerantes enquanto oportunidades para que os países latino-americanos tivessem esses saberes técnicos mapeando seu território, população, economia, etc. Para além do diagnóstico, os saberes científicos estadunidenses também conduziram a intervenções eficazes sobre a realidade latino-americana, transformando-a. O diário nova-iorquino cobriu não apenas as missões governamentais em seus estudos e intervenções, a atuação da iniciativa privada na região foi destacada ao longo dos anos 1950. Diversos empreendimentos industriais e colonizadores, por exemplo, receberam visitas dos correspondentes e foram temas de matérias no *NYT*. Sobre um contrato entre a família LeTourneau — magnatas estadunidenses do maquinário para construção pesada — e o governo do Peru, escreveu Sam Pope Brewer:

O acordo com o governo dá ao senhor LeTourneau o direito de desenvolver uma área de 400.000 hectares (quase 1.000.000 de acres) ao longo do rio Pachitea, um afluente do Ucayali, que por sua vez desagua no Amazonas. [...] Em troca de sua concessão LeTourneau foi contratado para construir cinquenta quilômetros, ou trinta e três milhas, de rodovias pavimentadas ligadas a Rodovia Transandina, que já passa sobre as montanhas de Lima para Pucallpa, em Ucayali. Ele foi contratado também para fornecer abastecimento de água, esgotamento sanitário e outros serviços públicos para os assentamentos se encontram lá²¹ (*NYT*, 19, jan. 1954, p. 9).

O empreendimento no leste do Peru, divisa com o Brasil, se tratava de uma iniciativa de colonização. Segundo o artigo assinado por Pope Brewer, ao empreendedor estadunidense cabia utilizar seu maquinário e tecnologia para derrubar um trecho da floresta amazônica e abrir estradas de rodagem, construir sistemas de tubulações, etc. O trabalho dos engenheiros e técnicos contratados por LeTourneau eram o de transformar a natureza em um espaço com uma infraestrutura básica para o desenvolvimento. O direito de exploração de uma imensa faixa de terra põe em relevo que colonizar-modernizar a América Latina significavam um negócio, um bom negócio. Os empresários estadunidenses

²¹ "The agreement with the Government gives Mr. LeTourneau the right to develop a tract of 400,000 hectares (nearly 1,000,000 acres) along the Pachitea River, a tributary of the Ucayali, which in turn flows into the Amazon. [...] In return for his concession Mr. LeTourneau has contracted to build fifty kilometers, or thirty-three miles, of paved highways connecting with the Trans-Andean Highway, which already goes over the mountains from Lima to Pucallpa, on the Ucayali. He has contracted also to provide a water supply, sewage disposal and other public services for the settlements that are to be found there".

tinham ótimas oportunidades em investimentos relativos ao desenvolvimento da região, era a perspectiva apresentada pelo jornal. Além de atividade comercial, as iniciativas privadas dos Estados Unidos em território latino-americano foram imbuídas de outros sentidos. Um deles é o de levar a modernidade àqueles que viviam no atraso, perceptível em matérias como uma de Sam Pope Brewer que faz propaganda de uma companhia de eletricidade:

O Brasil hoje está com fome de energia elétrica. Suas indústrias em crescimento precisam dela. Só que mais do que isso, o brasileiro comum aprendeu quanto a eletricidade pode tornar sua vida mais fácil e mais agradável. [...] Na construção de demanda por energia elétrica, a *Foreign Power* mudou o modo de vida da dona de casa brasileira. Ela trouxe, demonstrou e vendeu eletrodomésticos para a casa. Ela mostrou a dona de casa o quão úteis ferros elétricos, torradeiras, refrigeradores, rádios e outras ajudas podem ser²² (NYT, 5 jul. 1955, p. 17).

O artigo pontuou que a empresa estaria no mesmo passo contribuindo com o desenvolvimento do Brasil e trazendo as facilidades dos aparelhos elétricos. Os eletrodomésticos seriam não apenas produtos a venda, mas também uma forma de tornar a vida do povo brasileiro, especialmente a das donas de casa, melhor. Para além de simplesmente abastecer o setor industrial brasileiro em expansão, ela teria trazido ao lar brasileiro a modernidade. A pesquisa de Ricardo Salvatore (2006, p. 134) registra que empreendimentos estadunidenses mobilizam discursos de trazer a modernidade e de conquistar a natureza latino-americana com tecnologia pelo menos desde a virada para o século XX. Ele sublinha a aplicação de saberes científicos e os produtos industrializados sendo utilizados como marcas da vitória sobre o espaço incivilizado desde então por empresas dos Estados Unidos que atuam na América Latina.

Os correspondentes mobilizam essa narrativa e a adaptam ao cenário do pós-Guerra. O discurso civilizador é preenchido com a retórica do desenvolvimento e da Guerra Fria. Na mesma matéria de Pope Brewer, por exemplo, referente às condições dos funcionários da empresa: “Os trabalhadores que geram a energia e a transmitem para casas e fábricas não são membros injustiçados de uma classe explorada”²³ (NYT, 5 jul. 1955, p. 17). Há uma preocupação de se dissuadir da ideia de uma grande indústria que oprime a mão-de-obra latino-americana na busca exclusiva do lucro. A *Foreign Power* é apresentada como uma parceira do desenvolvimento do Brasil e do seu povo. Em um artigo assinado por Tad Szulc sobre as relações humanas em uma cidade-campo de petróleo de uma empresa estadunidense:

O relacionamento feliz em Talara entre a administração dos Estados Unidos e os

²² “Brazil today is hungry for electric power. Her growing industries need it. But more than that, the ordinary Brazilian has learned how much electricity can do to make his life easier and more pleasant. [...] In building demand of electricity, Foreign Power changed the way of life of Brazilian housewife. It brought in, demonstrated and sold household appliances. It showed the housewife how helpful electric irons, toasters, refrigerators, radios and other aids could be”.

²³ “The workers who generates the energy and transmit it to home and plant are not downtrodden members of an exploited class”

trabalhadores peruanos proporciona um poderoso argumento contra as acusações muitas vezes ouvidas de comunistas latino-americanos e nacionalistas extremistas que negócios aqui de capital estadunidense costumam explorar e escravizar²⁴ (NYT, 02 set. 1956, p. 19).

Esse texto é menos sutil que o de Pope Brewer ao afastar a concepção dos empreendimentos estadunidenses como exploradores dos latino-americanos. A partir do exemplo da cidade peruana na costa do Pacífico, a matéria considera essa ideia como acusação de comunistas e nacionalistas excessivos. Classifica os que se opunham a atuação de grandes empresas dos Estados Unidos em território latino-americano a partir de noções recorrentes nos debates do pós-Guerra. Os comunistas e nacionalistas surgem na publicação como elementos que se contrapõem a diversos projetos estadunidenses para a América Latina: da instalação de bases militares e nacionalização de reservas de petróleo, passando por questões como o não estabelecimento das relações com países ligados a União Soviética.

Ao longo dos anos 1950, as matérias de Szulc e Brewer consideram o “perigo vermelho” como uma ameaça subterrânea que espera os momentos chave para insuflar as massas contra a ordem estabelecida e os Estados Unidos. Já o segundo grupo seria o daqueles preocupados em defender a nação, seu território e riquezas, de ávidas mãos estrangeiras. Os nacionalistas, ainda segundo a publicação, estavam enganados quanto aos estadunidenses — que na verdade proporcionariam o desenvolvimento dos países latino-americano — e acabavam sendo manipulados pelos comunistas. Atuações como as da companhia elétrica no Brasil e da petroleira no Peru, eram consideradas pelo diário novaiorquino como exemplares, pois modernizavam a América Latina e ao mesmo tempo combatiam os comunistas e o discurso contra os Estados Unidos.

O investimento privado, lembra Lars Schoultz (2000, p. 381), era uma das prioridades da política externa para o continente latino-americano nos anos 1950, tanto no governo de Truman quanto no de Eisenhower. A resolução dos problemas da América Latina seria pautada, segundo as matérias do *The New York Times*, também pelo capital estadunidense. As grandes ações de intervenção econômica, como vimos, estavam fora de cogitação nos planos da política externa estadunidense. Só que isso não significou que os governos dos Estados Unidos estivessem ausentes do plano de negociações para conseguir capital para o desenvolvimento da América Latina. No plano das relações governamentais, os jornalistas itinerantes sublinharam os pedidos de empréstimo de nações latino-

²⁴ “The happy relationship in Talara between United States management and Peruvian labor affords a, powerful argument against the charges often heard from Latin American Communists and extreme nationalists that operations by United States capital here tend to exploit and enslave”.

americanas. A análise de Sam Pope Brewer era de que:

Todos estes países são subdesenvolvidos, mas em desenvolvimento. O freio sobre o seu progresso é escassez de capital; e eles olham para os países mais desenvolvidos, sobretudo para os Estados Unidos, em busca do capital que vai dar sangue novo as suas indústrias em crescimento²⁵ (NYT, 5 jan. 1955, p. 45).

O dinheiro é delineado no diário nova-iorquino como combustível da modernização. O papel dos Estados Unidos no desenvolvimento da América Latina é justificado pelo interesse dos países da região em ter o capital que acelere suas economias. Os Estados Unidos foram apresentados reiteradamente como responsáveis por conceder empréstimos diretamente aos países latino-americanos — via o *Export-Import Bank* e o Banco Interamericano do Desenvolvimento — e também como intermediadores de contratos com o Banco Mundial²⁶. Ultrapassar o status de subdesenvolvido, na perspectiva do jornal, significava para os países da região latino-americana se abrir ao dinheiro dos Estados Unidos — seja aos empréstimos ou aos investimentos privados. Junto da tecnologia e do conhecimento científico, o capital é delineado como instrumento para quebrar as barreiras que seguram o desenvolvimento da América Latina.

O tripé de intervenção estadunidense foi construído pelos correspondentes do *The New York Times* ao longo dos anos 1950 como chaves para superação daqueles que eles interpretaram como alguns dos principais problemas da região: a pobreza, o domínio da natureza. Na maior parte desse recorte temporal, a América Latina esteve fora dos holofotes da política dos Estados Unidos que se voltava para os embates do conflito bipolar na Europa e Ásia. No entanto, se realizarmos um salto de quinze anos após o fim da Segunda Guerra vamos perceber que a região foi bem mais relevante para a política externa estadunidense no início dos anos 1960.

Nos primeiros dias de mandato em 1961, o recém-eleito presidente democrata John F. Kennedy, sinalizou uma série de mudanças na política para o a região. Em seu discurso de posse em Washington:

Às repúblicas coirmãs ao sul de nossa fronteira, fazemos uma promessa solene: transformar as boas palavras em boas ações, em uma nova aliança para o progresso, a fim de ajudar homens e governos livres a se livrar das amarras da pobreza. Mas essa revolução pacífica da esperança não cair presa de potências hostis. Saibam nossos vizinhos que nos uniremos a eles para nos opor à agressão e à subversão em cada canto das Américas²⁷.

²⁵ "All these countries are underdeveloped but developing. The brake on their progress is shortage of capital; and they look to the more developed countries, above all to the United States, for capital that will give new life blood to their growing industries".

²⁶ O *Export-Import Bank* é uma agência de financiamento e crédito a exportação do governo federal dos Estados Unidos criada em 1934. Já o Banco Interamericano do Desenvolvimento foi uma organização financeira internacional sediada em Washington que existe até hoje, foi fundada em 1959 com capital estadunidense para financiar projetos de desenvolvimento e integração econômica continental. O Banco Mundial é também uma instituição internacional, foi criado em 1945 para financiar a reconstrução e iniciativas desenvolvimentistas do pós-Guerra.

²⁷ O discurso inaugural completo pode ser encontrado em várias línguas no website da biblioteca e museu destinado ao presidente. Citamos a versão em português disponível em <<http://www.jfklibrary.org/JFK/Historic-Speeches/Multilingual-Inaugural->

Combater a pobreza nos demais países do continente americano foi anunciado como uma prioridade. Essa reavaliação da importância da América Latina para a política externa no intervalo entre o fim da guerra e a chegada de John Kennedy à Casa Branca pode ser relacionada a transformações na percepção da América Latina nos Estados Unidos. Elas mudaram em um contexto de acirramento da Guerra Fria e de turbulência nas relações interamericanas — que inclui eventos como a Revolução Cubana em 1959, os diversos protestos na visita do vice-presidente Richard Nixon ao continente latino-americano no ano anterior²⁸. É pertinente dar relevo que essas iniciativas se embasavam no mesmo diagnóstico dos artigos de Szulc e Brewer — a chave para resolver os problemas do continente seria o desenvolvimento — e objetivavam no mesmo passo desenvolver a América Latina e combater a ameaça comunista.

Há um forte sentido de continuidade com a leitura que o jornal realizava há pelo menos oito ou nove anos. Dentro ou fora do foco de luz principal da política externa, o capital, conhecimento científico e tecnologia estadunidense foram entendidos como chaves para transformar a pobreza e o domínio da natureza nos países latino-americanos. E se movermos o jogo de lentes da História em busca menos de detalhes e mais de uma visão panorâmica, temos que esse discurso estadunidense para a América Latina tem raízes longas e fortes ainda no século XIX. O que há de novo é que ele está sendo posto em novos termos, na linguagem de um poderoso fantasma — para usar o termo de Aníbal Quijano — que assombra desde o pós-guerra: o desenvolvimento.

[Address/Multilingual-Inaugural-Address-in-Brazilian-Portuguese.aspx](#)>Acesso em: 17 jan. 2016.

²⁸ Diversos pesquisadores afirmam a importância das matérias dos correspondentes itinerantes do *The New York Times* para essa mudança. Para uma análise transversal desses eventos na relação Estados Unidos-América Latina é pertinente ver Lar Schoultz (2000).

POVERTY, NATURE AND DEVELOPMENT: REPRESENTATIONS OF LATIN AMERICA IN THE NEW YORK TIMES (1952-1961)

Abstract: This paper analyzes the representations of Latin America as undeveloped space, marked by poverty and controlled by nature, published in the newspaper The New York Times. It examines how the region was built in reports and editorials as a place to be transformed by scientific, technological and US money. After World War II, the publication went through a period of profound changes in its employees and journalistic framework. In this moment, Sam Pope Brewer and Tad Szulc were hired in the 1950s to travel through Latin America and upgrade the daily coverage daily performed in the region. The central sources of this research are the reports signed by these two journalists between 1952 and 1961, period in which acted as correspondents in Latin America. It examines how those writings introduce specific point of views about the region from current debates of the post-War era as the modernization, the fight against communism, the foreign policy of the United States and the American imagination about the Latin America.

Keywords: Latin America. Development. The New York Times.

Referências

DAVIES, David R. *The postwar decline of American newspapers: 1945-1965*. Westport: Praeger, 2006.

EMERY, Edwin. *História da Imprensa nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Lidaador, 1965.

ESCOBAR, Arturo. *Encountering development: the making and unmaking on the third world*. Princeton: Princeton University Press, 1995.

LATHAM, Michael E. *Modernization as ideology: American social science and nation building in the Kennedy era*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2000.

LANDER, Edgardo. Ciencias sociales: saberes coloniales y eurocéntrico. In: LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

MIGNOLO, Walter D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

_____. *La Idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa, 2007.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

PIKE, Fredrick B. *The United States and Latin America: myths and stereotypes of civilization and nature*. Austin: University of Texas Press, 1992.

QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. *Estudos*

Avançados, vol. 19, n. 55. São Paulo: USP, 2005.

_____.; WALLESTEIN, Imanuel. Americanity as a Concept or The Americas in the Modern World-System. *International Journal of Social Sciences*, n. 134. Paris: UNESCO, nov. 1992.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALVATORE, Ricardo. *Imágenes de um império: Estados Unidos y las formas de representación de América Latina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.

SARAIVA, João Gilberto N. As transformações da imprensa estadunidense dos anos 1950, o *The New York Times* e seus correspondentes na América do Sul. In: Anais do III Encontro Nacional de História dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015a.

_____. *Todo Nordeste que couber a gente publica: o The New York Times e as representações do Nordeste brasileiro na Era da Política de Boa Vizinhança (1933-1945)*. Natal: UFRN, 2015b (Mestrado em História)

TALESE, Gay. *O reino e o poder: uma história do New York Times*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TAFFET, Jeffrey F. *Foreign aid as foreign policy: the alliance of progress in Latin America*. New York: Routledge, 2007.

TROUILLOT, Michel-Rolph *Transformaciones globales: la antropología y el mundo moderno*. Popayán/Bogotá: Universidad del Cauca/Universidad de los Andes, 2011.

SOBRE O AUTOR

João Gilberto Neves Saraiva é doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Recebido em 31/05/2016

Aceito em 21/06/2016